

REFLEXÕES SOBRE EFEITOS SOCIAIS DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA DE MATO GROSSO

Benedito Dias Pereira, Vitoriano Ferreira Martins, Carlos Magno Mendes, Alexandre Magno de Melo Faria, Gerson Rodrigues da Silva

Resumo: Centrada na produção de soja, nos últimos anos, a agricultura de Mato Grosso vem experimentando elevada taxa de crescimento, assim como vem respondendo por parcela expressiva do aumento do Produto Interno Bruto da economia do Estado. A variação desse agregado está sendo mais elevada que a do País como um todo. Com base em estatísticas amplamente usadas em trabalhos afins, verifica-se que a agricultura mato-grossense está se modernizando de maneira significativa e com amplitude que envolve as diversas escalas das unidades produtivas. Com suporte no dinamismo do progresso técnico e resultante das transformações das forças e das relações produtivas internas, essa modernização da agricultura, entretanto, engendra diversas alterações em importantes elementos sociais, como desigualdade da distribuição de renda e pobreza absoluta no ambiente agrário.

Palavras-Chave: Progresso Técnico, Desigualdade, Pobreza Absoluta

1. Introdução

Apesar de responder por parcela extremamente reduzida do PIB nacional⁵, a economia de Mato Grosso (MT) vem experimentando singular dinamismo nos últimos anos: entre 1985 e 2003, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), dentre as unidades federativas do País, o PIB mato-grossense exibiu a maior expansão nominal: 275%. A agropecuária⁶ do Estado é responsável pela maior parte desse crescimento, como pode ser observado na tabela 1, onde, de 1995 a 2003, consta a participação da produção agropecuária no valor adicionado bruto da economia de MT.

5 De acordo com o IBGE, em 2004, a participação do PIB de MT no PIB nacional, foi de apenas 1,2%.

6 A palavra "agropecuária", neste Artigo, é usada como sinônima de "agricultura";

Tabela 1- Participação da Produção Agropecuária no Valor Adicionado Bruto a Preço Básico: 1995-2003: Mato Grosso

1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
16,53%	16,92%	18,82%	17,58%	21,60%	26,83%	24,53%	29,85%	36,29%

Fonte: IBGE: Contas Regionais do Brasil/SEPLAN/MT, *apud* Anuário Estatístico de MT/SEPLAN/MT, 2004, p. 600.

Conforme se constata na tabela acima, a participação da produção agropecuária no valor adicionado bruto da economia de MT é nitidamente crescente, superando um terço no último ano do período analisado. Como vem respondendo por parcela ascendente da produção de bens e serviços da economia do Estado e gradualmente se modernizando, essa atividade deve ser discutida e investigada de maneira mais detalhada, preferencialmente, contemplando reflexões sobre os resultados sociais desse crescimento e dessa modernização. Esses são os objetivos deste Artigo, que contém quatro partes. Após essa Introdução, na segunda parte, analisam-se importantes indicadores de produção da agropecuária mato-grossense, na terceira, aborda-se a modernização dessa atividade com base em indicadores convencionais, na quarta, comenta-se sobre os efeitos dessa modernização sobre elementos do tecido social do Estado, como desigualdade da distribuição de renda e pobreza absoluta e, na quinta e última parte, constam os comentários finais.

2 . Indicadores de Produção (1978-2004) da Agropecuária de Mato Grosso

Nesta parte analisam-se indicadores de produção dos bens de origem agropastoril mais representativos para a economia do Estado, de 1978 a 2004. Esses dados estão na tabela 2.

**Tabela 2- Quantidade produzida e número de animais
(agropecuária de Mato Grosso): 1978-2004**

Ano	Madeira em tora (m ³)	Algodão (t)	Arroz (t)	Cana-de-açúcar (t)	Mandioca (t)
1978	204.882	4.024	976.545	436.450	337.230
1980	459.581	4.914	1.175.041	420.140	261.330
1982	610.144	3.797	999.041	566.232	312.690
1984	951.139	8.069	672.671	1.275.692	266.760
1986	1.527.317	20.408	794.182	2.157.740	254.518
1988	1.900.314	36.860	973.675	2.406.636	323.285
1990	1.899.030	57.634	420.722	3.036.690	377.943
1992	2.607.967	67.862	850.743	3.670.004	450.123
1994	4.088.119	91.828	812.439	5.229.692	327.835
1996	4.169.173	73.553	721.793	8.462.490	140.476
1998	2.576.870	271.038	776.502	9.871.489	304.119
2000	2.600.936	1.002.836	1.851.517	8.470.098	362.191
2002	2.867.779	1.141.211	1.192.447	12.642.258	418.442
2004	2.990.150	1.884.315	2.177.125	14.290.810	536.069

Fonte: IBGE: Contas Regionais do Brasil/SEPLAN/MT, *apud* Anuário Estatístico de MT/SEPLAN/ MT, 2004, passim

Tabela 2- Quantidade produzida e número de animais (agropecuária de Mato Grosso): 1978-2004 (continuação)

Ano	Milho (t)	Soja (t)	Aves (1.000 cabeças)	Bovinos (1.000 cabeças)	Suínos (1.000 cabeças)
1978	119.760	7.269	88	3.888	532
1980	142.572	117.173	440	5.249	556
1982	288.324	365.501	3.211	5.967	579
1984	318.477	1.050.095	3.494	6.787	617
1986	529.072	1.921.053	3.915	6.859	720
1988	699.832	2.694.718	4.686	7.850	869
1990	618.973	3.064.715	6.675	9.041	1.034
1992	763.907	3.642.743	7.253	10.192	872
1994	1.163.551	5.319.793	10.687	12.653	947
1996	1.514.658	5.032.921	14.126	15.523	689
1998	948.659	7.228.052	15.359	16.751	759
2000	1.429.672	8.774.470	15.955	18.924	834
2002	2.313.708	11.702.165	19.128	22.183	1.034
2004	3.408.968	14.517.912	19.668	25.919	1.315

Fonte: IBGE: Contas Regionais do Brasil/SEPLAN/MT, *apud* Anuário Estatístico de MT/SEPLAN/MT, 2004, *passim*.

Em geral, como se observa, as quantidades produzidas dos bens constantes na tabela 2 exibiram acentuado incremento durante o período 1978-2004. Em análise preliminar, em números absolutos, destacam-se os seguintes bens: soja, madeira, algodão, cana-de-açúcar, arroz, milho, aves, bovinos e suínos. De maneira resumida, pode-se afirmar que a agropecuária de MT experimentou acentuado crescimento e incomum dinamismo durante o período enfatizado. Entretanto, as unidades (tonelada, metro cúbico e número de cabeças) das estatísticas que constam na tabela 2 dificultam ou impedem análises mais detalhadas desses indicadores. Em função disso, recorre-se a uma unidade comum dentre os bens: o número-índice, ou simplesmente índice, expresso em porcentagem⁷. Com o uso do *índice relativo de quantidade*, pode-se comparar a quantidade relativa a dado ano t com a mesma gran-

7 De acordo com Hoffmann (1998, p. 309): “Os números-índice são proporções estatísticas, geralmente expressas em porcentagem, idealizadas para comparar as situações de um conjunto de variáveis em épocas ou localidades diversas”.

deza atinente ao ano base, que, nesse caso, é 1978⁸. Além disso, dada a unicidade de medida dos indicadores, as variações das quantidades dos diversos bens podem ser contrastadas entre si. Os *números-índice de quantidade* dessa maneira obtidos, com base em 1978, estão anotados na tabela 3.

Tabela 3- Índices relativos de quantidade dos principais bens agropecuários de Mato Grosso (1978-2004): Base: 1978 (%)

Ano	Madeiras	Algodão	Arroz	Cana-de-Açúcar	Mandioca
1978	100	100	100	100	100
1980	224	122	120	96	77
1982	298	94	102	130	93
1984	464	201	69	292	79
1986	745	507	81	494	75
1988	928	916	100	551	96
1990	927	1.432	43	696	112
1992	1.273	1.686	87	841	133
1994	1.995	2.282	83	1.198	97
1996	2.035	1.828	74	1.939	42
1998	1.258	6.736	80	2.262	90
2000	1.269	24.921	190	1.941	107
2002	1.400	28.360	122	2.897	124
2004	1.459	46.826	223	3.274	159

Fonte: Tabela 2.

8 Aplica-se o seguinte quociente $q(o,t) = q_t/q_o$, onde $q(o,t)$ indica o número-índice ou quantidade relativa, q_t a quantidade referente ao ano t e q_o a quantidade alusiva ao ano base.

Tabela 3- Índices relativos de quantidade dos principais bens agropecuários de Mato Grosso (1978-2004): Base: (%) (continuação)

Ano	Milho	Soja	Aves	Bovinos	Suínos
1978	100	100	100	100	100
1980	119	1.612	500	135	105
1982	241	5.028	3.649	153	109
1984	266	14.446	3.970	175	116
1986	442	26.428	4.449	176	135
1988	584	37.071	5.325	202	163
1990	517	42.161	7.585	233	194
1992	638	50.113	8.242	262	164
1994	972	73.185	12.144	325	178
1996	1.265	69.238	16.052	399	130
1998	792	99.437	17.453	431	143
2000	1.194	120.711	18.131	487	157
2002	1.932	160.987	21.736	571	194
2004	2.846	199.724	22.350	667	247

Fonte: Tabela 2.

Observa-se na tabela acima que, dentre os bens contemplados, a produção de soja experimentou o maior incremento, exercendo, conforme anteriormente comentado, nítida supremacia na agropecuária do Estado. Além dessa oleaginosa, também se constata significativo aumento na produção de algodão, aves, cana-de-açúcar, milho, madeira, bovinos, etc. Entrementes, os dados da tabela 3 ainda podem ser transformados para melhor compreensão das variações das quantidades produzidas dos bens em questão. Com essa finalidade, foram calculados os “*elos relativos*” ou simplesmente “*números-índice de elos*”⁹, cujos valores estão anotados na tabela 4. Para cada produto, esse índice foi calculado a partir da razão entre a quantidade alusiva a determinado ano e a quantidade relativa ao ano imediatamente anterior¹⁰. Destarte, pode-se identificar o(s) biênio(s) em que o aumento da produção foi mais ou menos relevante.

9 A denominação *elo relativo* pode ser encontrada em Fonseca, Martins e Toledo (1986, p. 162); por sua vez, a expressão *números-índice de elos* pode ser vista em Hoffmann (1998, p. 325).

10 Esse índice viabiliza o contraste entre grandezas a partir de base móvel de comparação, ou seja, tomando-se sempre o período imediatamente anterior como base.

Tabela 4- Elos relativos ou números-índice de elos das quantidades dos principais bens agropecuários de Mato Grosso (1978-2004)

Ano	Madeiras	Algodão	Arroz	Cana-de-Açúcar	Mandioca
1978	-	-	-	-	-
1980	224	122	120	96	77
1982	133	77	85	135	121
1984	156	214	68	225	85
1986	161	252	117	169	95
1988	125	181	123	112	128
1990	100	156	43	126	117
1992	137	118	202	121	119
1994	157	135	95	142	73
1996	102	80	89	162	43
1998	62	368	108	117	214
2000	101	370	238	86	119
2002	110	114	64	149	116
2004	104	165	183	113	128

Fonte: Tabela 3

Tabela 4- Elos relativos ou números-índice de elos das quantidades dos principais bens agropecuários de Mato Grosso (1978-2004) (continuação)

Ano	Milho	Soja	Aves	Bovinos	Suínos
1978	-	-	-	-	-
1980	119	1.612	500	135	105
1982	203	312	730	113	104
1984	110	287	109	114	106
1986	166	183	112	101	116
1988	132	140	120	115	121
1990	89	114	142	115	119
1992	123	119	109	112	85
1994	152	146	147	124	109
1996	130	95	132	123	73
1998	63	144	109	108	110
2000	151	121	104	113	110
2002	162	133	120	117	124
2004	147	124	103	117	127

Fonte: Tabela 3

Os índices da tabela logo acima, em especial, mostram que o crescimento da produção de soja acelerou-se no final dos anos setenta e desacelerou-se ao longo dos anos oitenta. A produção de algodão e a de arroz, por outro lado, experimentaram incrementos mais significativos no final dos anos noventa. Por sua vez, a produção de bovinos exibiu elevação razoavelmente estável durante o período. Considerando-se outros produtos, análises semelhantes podem ser efetuadas com base nos índices constantes nessa tabela. Outrossim, focando-se a análise a partir do final dos anos setenta, pode-se inferir que a lógica da inserção externa da economia mato-grossense está bem definida: a produção de excedentes destinados ao consumo alimentar interno e à exportação, com predomínio dessa última. Os processos produtivos implementados nessas atividades se deram por intermédio da incorporação de fronteiras agrícolas, fundamentados na generosidade da natureza, enquanto a economia brasileira como um todo passava por célere crescimento industrial¹¹. Com origem nos centros mais dinâmicos do País, esse movimento ocorreu em decorrência de deslocamento positivo da demanda por alimentos e outros produtos primários, do esgotamento ou declínio da produtividade dos solos das regiões tradicionais etc.. A existência de uma fronteira agrícola, observa-se, depende de terras abundantes e sua expansão decorre da incorporação de terras em atividades produtivas.

O Governo Federal, por oportuno, exerceu influência estratégica nesse processo de acumulação de capital, com a implementação de programas creditícios como o PIN (Programa de Integração Nacional), criado em 1970, o PROTERRA (Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste), criado em 1971, o POLAMAZÔNIA (Programa de Pólos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia), criado em 1974, dentre outros. Nesse contexto, após o final dos anos setenta do século XX, paralelamente às mudanças ocorridas na agricultura nacional, presenciavam-se no ambiente agropecuário do Estado significativas transformações nas relações técnicas, econômicas e no ordenamento das forças produtivas internas, em particular, em função da intensificação das relações nucleadas no setor primário,

11 Fronteira agrícola é geralmente compreendida como denotando simples extensão espacial das áreas de ocupação agropecuária mais antiga.

definindo o início da modernização da agricultura mato-grossense. Inseta nessa dinâmica, historicamente exportadora de bens alimentícios para outras unidades federativas do País, a economia de MT atualmente se insere na nacional com pauta de exportação extremamente concentrada: a soja e seus derivados representam os seus principais bens de exportação¹². Em cenário de elevado endividamento externo do País, a partir dos anos noventa, a economia mato-grossense se insere na nacional com uma função bem-definida: *gerar divisas externas, visto que a grande maioria da produção interna da soja e de poucos outros bens primários destina-se à exportação*.

3. A Modernização da Agropecuária de Mato Grosso com base em estatísticas convencionais

Usualmente, a *modernização* de dada atividade econômica, em particular da agropecuária, é analisada com base em indicadores ou estatísticas aqui denominadas de *convencionais*: um dos indicadores mais adotados e, desse modo, enquadrados nesse grupo, é o número de tratores existentes nessa atividade. Assim, de acordo com essa lógica, abaixo consta o número de tratores por potência na agropecuária mato-grossense em 1985 e 1996¹³ (tabela 5):

Tabela 5- Número de Tratores por Potência (CV) (Mato Grosso: 1985 e 1996)

Ano	Menos e 10 CV	De 10 a menos de 20 CV	De 20 a menos de 50 CV	De 50 a menos de 100 CV	Mais de 100 CV	Total de Tratores
1985	390	742	2.718	9.685	5.999	19.534
1996	663	958	3.219	14.941	12.932	32.713
Incremento (%) entre 1985 e 1996	70%	29%	18%	54%	115%	67%

Fonte: IBGE: Contas Regionais do Brasil/SEPLAN/MT, apud Anuário Estatístico de Mato Grosso SEPLAN/MT, 2.001.

12 De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, de Janeiro a Maio de 2005, a soja e seus derivados (grãos, farelo e óleo) responderam por 81,17% das exportações de MT.

13 Lembra-se que o Censo Agropecuário (IBGE) -fonte desses dados- mais "recente" é de 1996

Verifica-se que o número de tratores, entre 1985 e 1996, exibiu incremento em todas as potências. Enquanto o número total de tratores expandiu em 67%, o aumento mais expressivo ocorreu no número de tratores de maior potência (100 CV): 115%. De um lado, esses dados evidenciam que a modernização da agropecuária de MT, durante o período considerado, pode ser compreendida como processo generalizado, isto é, ele fez parte de todos os estratos de área. De outro lado, ele foi mais acentuado nas propriedades de extensão fundiária mais elevada, as quais operam, de modo geral, com tratores de maior potência. Além desse indicador, a *modernização* da agropecuária de MT também pode ser analisada por intermédio da produção e índice da produção de sementes com registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento, para a produção de bens agrícolas no Estado. Essas estatísticas, da safra 1980-81 à 2002-03, constam na tabela 6.

Tabela 6- Produção de Sementes com Registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (MAPA) e Índices da Produção de Sementes (Base: 1980-81)¹⁴: Bens Agrícolas: Mato Grosso: 1980-81 a 2002-03

Safra	Produção de sementes de soja (t)	Índice da produção de sementes de Soja (%)	Produção de Sementes de Outras culturas ¹ (t)	Índice da Produção de sementes de outras culturas (%)	Produção total De sementes (t)	Índice da produção total de sementes (%)
1980-81	10.427	100	36.075	100	46.502	100
1981-82	16.665	160	33.635	93	50.300	108
1982-83	23.208	223	14.197	39	37.405	80
1983-84	34.233	328	4.927	14	39.160	84
1984-85	40.602	389	3.463	10	44.065	95
1985-86	33.733	324	8.394	23	42.127	91
1986-87	33.428	321	12.669	35	46.097	99
1987-88	26.062	250	10.770	30	36.832	79
1988-89	59.199	568	9.157	25	68.356	147
1989-90	50.090	480	6.445	18	56.535	122
1990-91	55.773	535	12.281	34	68.054	146
1991-92	57.892	555	11.507	32	69.399	149
1992-93	91.370	876	11.112	31	102.482	220
1993-94	111.642	1.071	12.836	36	124.478	268
1994-95	138.161	1.325	14.483	40	152.644	328
1995-96	145.661	1.397	15.518	43	161.179	347
1996-97	195.009	1.870	21.764	60	216.773	466
1997-98	161.367	1.548	29.288	81	190.655	410
1998-99	166.464	1.596	29.759	82	196.223	422
1999-00	164.245	1.575	32.857	91	197.102	424
2000-01	170.771	1.638	34.092	95	204.663	440
2001-02	211.052	2.024	40.534	112	251.586	541
2002-03	211.981	2.033	49.750	138	261.731	563

Fonte: IBGE: Contas Regionais do Brasil/SEPLAN/MT, apud Anuário Estatístico de Mato Grosso/ SEPLAN/MT, 2004, p. 377.

Observa-se que a produção de sementes de soja exibiu aumento de 1.933% entre a safra alusiva a 1980-81 e a 2002-03, enquanto que, para as demais culturas (arroz, forrageiras, feijão, milho, algodão e sorgo), esse incremento girou em torno de “apenas” 38%. O total de sementes dos dois grupos teve expansão de 463%. Se, de um lado, esses percentuais indicam e ratificam a *modernização* da agropecuária de MT, de outro, de maneira irrefutável, eles confirmam a supremacia da produção de soja sobre a produção das demais culturas no Estado.

¹⁴ Assim como para os dados da tabela 4, aplica-se o seguinte quociente $q(o,t) = q_i/q_o$, onde $q(o,t)$ denota o número-índice ou quantidade relativa, q_i representa a quantidade referente ao ano t e q_o a quantidade alusiva ao ano base. Nesse caso, o ano base é 1980-01.

4. Reflexões sobre efeitos da Modernização da Agricultura sobre elementos do tecido social de MT

Após esses comentários, em perspectiva teórica, é importante se refletir sobre as conseqüências da modernização da agropecuária mato-grossense sobre importantes indicadores sociais, visto que nesse cenário, com as suas usuais particularidades, o dinamismo do progresso técnico e outros elementos das forças produtivas estão alterando substancialmente as relações de produção e provocando o reordenamento das forças produtivas internas, por intermédio, por exemplo, da emergência e expansão dos *complexos agroindustriais*, viabilizando, doravante, nas análises sobre a economia de MT, a adoção de abordagens sistêmicas.

Em sintonia com essa importante visão teórica, onde se altera a maneira tradicional de se analisar a economia a partir dos setores agrícola, industrial e de serviços, a economia mato-grossense se estrutura e se movimenta com suporte no conceito de *agribusiness*. Essa metodologia, como se sabe, fundamenta-se em caracteres sistêmicos, contemplando, dessa maneira, os nexos entre os segmentos ou partes da economia que se conectam através de relações técnico-econômicas, de comercialização etc.. Essa forma de análise se constitui em contribuição teórica e aplicada, para se abarcar, além de outras, as relações comerciais e tecnológicas a *montante* e a *jusante* da agropecuária. Diante disso, torna-se factível, por exemplo, o estudo de sistemas agroindustriais (SAG) e de cadeias (*filière*) produtivas. O primeiro foi desenvolvido a partir do trabalho de Goldberg¹⁵, enquanto, o segundo, se inspira e se fundamenta na escola francesa de organização industrial.

Nesse novo cenário teórico e empírico, a valorização do capital na economia de MT impulsiona-se no dinamismo do progresso técnico e, por se constituir no elemento mais dinâmico das forças produtivas, esse progresso provoca substanciais alterações nas relações de produção, podendo estar afetando, ao sabor dessa dialética, relevantes

15 *Agribusiness Coordination: A Systems Approach to the Wheat, Soybean, and Florida Orange Economies*. Division of Research. Graduate School of Business and Administration. Harvard University, 256 pp., 1968.

indicadores sociais, como a desigualdade da distribuição de renda, nível de pobreza absoluta, concentração fundiária, dentre outros. Esse quadro é também influenciado por fenômeno irreversível e pautado por intensidade crescente: a globalização dos mercados. Se, de um lado, recorda-se, a economia mato-grossense experimenta acentuado crescimento do seu PIB e vivencia significativa e inusitada modernização de suas relações técnicas produtivas, de outro, insere-se em um mundo globalizado, exercita inserção periférica no concerto dos centros mais dinâmicos nacionais e forâneos. Nesse ambiente, a modernização do seu parque agropecuário dá-se tanto pelas inovações mecânicas, físico-químicas e biológicas, quanto por novos processos organizativos e gerenciais.

O fenômeno da globalização, destarte, conforme é de conhecimento coletivo, contém implicações diferenciadas em regiões distintas, visto que, no plano ideológico, ela ressurgiu acompanhada do recrudescimento dos ideais do neoliberalismo. Ao sabor dessa lógica, além de se revelar como fenômeno ideológico, ela reproduz mitos que, de forma geral, moldam as iniciativas dos diversos níveis de Governo de regiões periféricas ou emergentes, na medida em que as práticas dos seus governantes os posicionam como reféns dos ditames do *Consenso de Washington*¹⁶. De acordo com esse entendimento, por conseguinte, a partir do final do último Século, o neoliberalismo converteu-se em falsa vanguarda modernizadora do capitalismo. Assim sendo, as práticas e políticas econômicas implementadas por governos economicamente periféricos, aparentemente autônomas e independentes, reproduzem os preceitos da globalização de maneira mecânica, concebidos e disseminados pelos países mais desenvolvidos. A falsa autonomia e independência praticadas por esses governos se restringem à incorporação no seu cotidiano de preceitos originados em outros valores e em economia com outras características, posto que, por óbvio, existem muitas diferenças entre as economias mais desenvolvidas e as emergentes, como a mato-grossense.

16 O *Consenso de Washington* é uma expressão, adotada em 1990, pelo economista inglês John Williamson, que contempla um conjunto de medidas preconizadas pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e pelo Banco Mundial para estabilizar as economias dos países capitalistas periféricos (ALCOFORADO, 1997, p. 107).

Em síntese, em realidades tão diferentes, sob a inspiração de manuais da globalização, praticam-se as mesmas medidas e as mesmas políticas econômicas. Como a reprodução regional de práticas externas tem sido recorrentemente considerada *signo* de modernidade, se faz mister se discutir e se refletir mais sobre a economia mato-grossense, preferencialmente, por lógico, com maior grau de aderência aos caracteres regionais.

5. Comentários Finais

Paralelamente ao recente e elevado crescimento vivenciado nos últimos anos, apesar de responder por parcela reduzida da produção nacional, a economia de MT vem experimentando diversas mudanças na sua estrutura interna e nas suas relações econômicas: dentre elas, podem ser destacadas relações comerciais, econômicas e tecnológicas inusitadas. Nesse panorama, também se constata a modernização da economia mato-grossense e, mais acentuadamente, da agropecuária do Estado. A partir do final do decênio dos anos setenta, acompanhando a tendência do agro nacional, o contínuo avanço do capital industrial no ambiente agropecuário implicou em acentuada transformação e diferenciação das características básicas do agro mato-grossense. Além do surgimento de número elevado de latifúndios capitalizados, grande parte dos estabelecimentos então existentes se transformou em modernas empresas capitalistas, diferenciando-se cada vez mais dos antigos latifúndios tradicionais. Essas empresas produzem bens dotados de alto valor comercial, como a soja, o algodão e o arroz. Nesse concerto, a economia mato-grossense se vinculou fortemente com o seu próprio setor primário, explicitando, como conseqüência, indícios da formação de *complexos agroindustriais*.

Contudo, não obstante a economia de MT estar diversificado sua base produtiva e sua estrutura, a partir do final dos últimos anos setenta, sua natureza exportadora foi mantida. Em particular, verificou-se que o processo produtivo da sua cultura mais representativa (a soja) está se processando em bases extremamente modernas, com a imple-

mentação de crescentes níveis tecnológicos, configurando-se, desse modo, a adoção de ascendente e elevada eficiência técnica. Outrossim, as tensões entre as forças e as relações de produção das economias em crescimento, como a de MT, caracterizam-se pela presença de nítida interação dialética: se se estabelece recíproca influência causal entre as forças e as relações produtivas dessa economia, a ação mútua entre esses entes determina a natureza das suas transformações. Com base nos fundamentos teóricos dessa recíproca influência causal, nitidamente, identifica-se a supremacia de uma direção de causalidade: as ações das forças produtivas estão afetando mais acentuadamente as relações de produção.

Segundo essa perspectiva analítica e essa direção causal, o progresso técnico gestado na agropecuária vem sendo o ente mais dinâmico do conjunto das forças produtivas do presente capitalismo mato-grossense, visto que as forças produtivas centradas nessa atividade estão se constituindo nos elementos determinantes das principais mutações atualmente vivenciadas pela economia do Estado. Logo, pode-se estar se presenciando aumentos acentuados na desigualdade da distribuição de renda, na estrutura fundiária, no grau de pobreza absoluta, dentre outros resultados, os quais são afetados, ademais, pela corrente internacionalização das economias emergentes. Em síntese, a despeito de ainda se constituir em parcela extremamente reduzida da produção nacional, a economia de MT vem se pautando por elevado dinamismo da sua produção interna. Essa economia, por conseguinte, pode ser considerada complexa, com inserção externa bem-definida e, em complemento, caracterizada por profundas desigualdades regionais e sociais, dado que ela está vivenciando várias transformações nas suas relações socioeconômicas internas. Destarte, não obstante a presença de acentuado crescimento do seu produto interno e as múltiplas mutações da economia regional, essa dinâmica pode não estar provocando avanços, ao menos inexpressivos, no desenvolvimento socioeconômico do Estado.

Referências

- ALCOFORADO, Fernando. **Globalização**. São Paulo: Nobel, 1997.
- BATALHA, Mário Otávio. **Gestão Agroindustrial**. São Paulo: Atlas, 1999.
- DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A concept of agribusiness**. Division of research. Graduate School of Business Administration. Boston: Harvard University, 1957.
- FONSECA, Jairo S.; MARTINS, Gilberto de A.; TOLEDO, Geraldo L. **Estatística Aplicada**. São Paulo: Atlas, 1986.
- GOLDBERG, R. A. **Agribusiness Coordination: A Systems Approach to the Wheat, Soybean, and Florida Orange Economies**. Division of Research. Graduate School of Business and Administration. Boston: Harvard University, 1968.
- HOFFMANN, Rodolfo. **Estatística para Economistas**. São Paulo: Pioneira, 1998.
- IBGE. **Contas Regionais do Brasil SEPLAN-MT**, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **Anuário Agropecuário e Agroindustrial de MT (1996)**.
- SEPLAN/MT. **Anuário Estatístico de MT. 2001 e 2004**.
- ZYLBERSZTAJN, Décio; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira, 2000.